

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA-UNESP

"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

CAMPUS ARARAQUARA

Projeto de Pesquisa

**Plano Real: efeitos sobre as importações e a
produção industrial**

Aluna: Carolina Troncoso Baltar

Orientador: João Furtado

1999

1. Introdução, Contextualização do problema e Justificativa do Estudo

Um dos problemas que vários governos brasileiros queriam resolver era a questão da inflação. O Plano Real conseguiu diminuir a inflação. Um dos aspectos principais desta política de estabilização foi manter relativamente fixa a taxa de câmbio mas, o nível fixado inicialmente sobrevalorizou o real. Essa política acarretou inúmeras conseqüências sobre as importações e a produção industrial.

Com o real sobrevalorizado, a queda da inflação foi muito rápida, permanecendo, entretanto, uma inflação residual, que por sua vez ampliou ainda mais a sobrevalorização inicial do real. Em contrapartida, os produtos elaborados no exterior ficaram mais baratos do que os fabricados no Brasil, estimulando o aumento das importações e a diminuição das exportações. Esse fenômeno deteriorou a balança comercial, que apresentou déficits crescentes a partir de 1994.

A queda da inflação favoreceu a volta da venda a prazo de bens de consumo, o que, por sua vez, facilitou o aumento do próprio consumo. O aumento do consumo reativou a economia, que estava muito deprimida, e então houve um aumento da produção global do país, medido pelo PIB. Este aumento da produção nacional, a partir do aumento do consumo, não foi ainda maior do que o verificado, por causa do forte aumento de importações, sem que tenha havido um aumento equivalente nas exportações.

Uma parte do aumento do consumo correspondeu, assim, apenas as importações e não a uma maior produção nacional, deixando de gerar empregos no país e aumentando os empregos nos países que exportaram para o Brasil. Como as exportações não aumentaram tanto quanto as importações, não geraram empregos equivalentes aos que deixaram de aumentar no país, por causa das importações.

O aumento das importações muito maior que o das exportações gerou, como foi dito, um déficit comercial. O déficit comercial aumentou o déficit de conta corrente do balanço de pagamentos do país, que já era muito grande devido ao déficit de serviços que o país tradicionalmente tem. A acumulação de déficit de conta corrente muito grande foi um problema, porque ameaçou a estabilidade da taxa de câmbio, e, portanto, o próprio Plano Real na medida em que motivou a saída de capital do país ao se prever a desvalorização do real. A solução para este problema poderia ser o aumento das exportações, porque o Brasil passaria a produzir mais e, se as exportações chegassem a ser maiores do que as

importações, acarretariam em um superávit da balança comercial, ajudando a reduzir o déficit da conta corrente.

Porém, não foi fácil ter esse aumento das exportações, pois os produtos que o Brasil poderia competir com outros países não tem demanda muito grande e tem muitos outros países que competem com o Brasil por esta demanda. A demanda é grande por produtos, geralmente, de alta tecnologia, coisa que o Brasil esta muito defasado, havendo outros países muito mais capacitados para disputar a demanda por esses produtos. Como se vê, o problema não foi somente o da sobrevalorização do real que desestimulou as exportações, mas também o tipo de produtos que o Brasil pode exportar. Por isso, a desvalorização do real, em 1999, ainda não conseguiu elevar significativamente as exportações.

O Banco Central tentou preservar a taxa de cambio, elevando a taxa de juros com a finalidade de reduzir a atividade econômica, e com ela as importações, e também para atrair aplicações do exterior e manter no país as aplicações de brasileiros e estrangeiros. Com essas aplicações, ou seja, entrada e permanência de dólares no país, o Brasil poderia ser capaz de cobrir o déficit de conta corrente, evitando a redução do nível das reservas internacionais.

O resultado foi, entretanto, que o governo, tentando salvar o plano real e manter baixa a inflação, terminou sacrificando a atividade econômica e, portanto, o crescimento da economia nacional. A indústria foi um dos setores econômicos mais afetados, não somente pela contenção do crédito e elevação do nível das taxas de juros, que reprimiram todas as atividades econômicas no país, mas também pelo próprio aumento das importações, que prejudicou os efeitos do maior consumo nacional sobre a produção industrial.

Todas essas medidas tomadas pelo governo custaram muito caro para o país e, no final, mostraram-se insuficientes: a desindustrialização dos setores e segmentos mais atingidos foi aprofunda com forte substituição de insumos locais por importados, fechamento de linhas de produção e de unidades fabris inteiras. Em muitos setores ocorreu uma rápida desnacionalização da indústria, dado que as empresas brasileiras financeiramente mais frágeis, foram colocadas em condições desiguais de competição (exemplos eloqüentes têm ocorrido nos setores de eletrodomésticos, autopeças, alimentos, higiene e limpeza). (Coutinho, L. 1997: 92)

Apenas nos setores tipicamente domésticos, não afetados pelo comércio internacional ou nos setores produtores de commodities, de grande escala de produção, onde a competitividade brasileira é muito forte, os estragos não tem sido violentos. Duas outras exceções são os setores automobilísticos (montadoras) e de têxteis sintéticos, cujos

coeficientes de penetração haviam alcançado níveis altos mas retrocederam por força de esquemas especiais de proteção. (Coutinho, L. 1997: 92)

O desempenho da indústria brasileira nos anos 90 foi, entretanto, muito instável. Depois de uma forte retração de todos os setores ocorrida entre 1990 e 1992 veio uma recuperação desde 1993, que continuou com altas e baixas até 1998 e hoje ameaça Ter uma nova recessão. Mas essa recuperação ocorreu com acentuadas diferenças setoriais, aumentando principalmente a produção dos setores de bens duráveis e não duráveis de consumo. Já os bens intermediários e de capital não tiveram crescimento da produção proporcional à dos bens finais de consumo. (Laplane e Sarti, 1997: 150)

A diferenciação das taxas de crescimento nos diferentes setores dá uma primeira idéia do comportamento pós-reforma e estabilização. É possível, assim, identificar, dentro dos setores, segmentos dinâmicos e estagnados, assim como empreendimentos em criação e em extinção.

Pode-se dizer que, com base no estudo de Bielchowsky, são "relativamente dinâmicos" aqueles segmentos beneficiados pela elevação da capacidade de consumo (via a forte ampliação do crédito ao consumidor promovidos pelo Plano Real) que, por diferentes motivos, não estiveram pressionados por forte concorrência de importações de produtos finais. (Bielchowsky, R. 1998: 27)

O aumento de importações globais e setoriais se deve ao processo de redução nos índices de nacionalização dos bens finais, como consequência das estratégias de especialização adotadas pelas empresas estrangeiras que tem terceirizado algumas atividades produtivas e/ou transferido a compra de componentes para seus fornecedores estrangeiros em termos mundiais, em detrimento de fornecedores locais. (Laplane e Sarti, 1997: 155)

O desigual desempenho entre setores resulta do processo de especialização e de complementaridade produtiva e comercial das grandes empresas, com importação crescente de peças e componentes, iniciado por fabricação de bens finais, a partir da abertura da economia em 1990 e acentuada, nos últimos tempos, em função do câmbio e da disponibilidade de financiamento externo para importações. (Laplane e Sarti, 1997: 151)

Com relação aos investimentos, a análise de seus determinantes concentra-se, no estudo de Bielchowsky, nos impactos da evolução macroeconômica e de organização industrial pós-abertura sobre a rentabilidade e o crescimento e levando em conta as estratégias das empresas dos distintos setores. Buscam-se assim os determinantes, por um lado, no crescimento da produção e na rentabilidade do capital e, por outro, na relação entre a "trilogia" investimento/crescimento/rentabilidade e as condições em que a organização

"Microeconômica" de cada setor enfrentou a concorrência internacional. (Bielchowsky, R. 1998: 67)

É relevante assinalar a clara correlação existente entre o baixo dinamismo de muitos setores industriais e a marcante penetração de produtos importados. De outro lado, nos setores em que o desempenho recente da oferta doméstica foi mais dinâmico cresceu significativamente a importação de matérias-primas, insumos, partes, componentes, máquinas e equipamentos, reduzindo-se o grau de agregação do valor ao longo das respectivas cadeias industriais, com impactos negativos sobre o potencial de crescimento desses setores.

É importante assinalar que, muito embora não se possa atribuir à apreciação cambial a responsabilidade pela reduzida competitividade estrutural do sistema industrial, não há dúvida de que ela não contribui para superá-la. Ao contrário, com a proteção tarifária já reduzida a apreciação cambial e os juros elevados sobreoneraram a rentabilidade das empresas e dificultam — se não inviabilizam — seus processos de reestruturação para competir dentro dos padrões mundiais. (Coutinho, L. 1997: 94) As dificuldades de reverter este processo depois da desvalorização cambial em 1999 mostrou que muitos desses efeitos parecem permanentes.

Um rápido balanço dos efeitos desse processo sobre a produção industrial mostra uma tendência à desindustrialização que avança em três dimensões:

- 1) Perda de espaços da oferta doméstica de bens finais pela ocupação de parte do mercado por produtos importados. Com efeito, parcela crescente da oferta de máquinas e equipamentos, bens eletrônicos e de informática, produtos químicos, plásticos, farmacêutica, bebidas, têxteis, vestuário, borracha, eletrodomésticos leves, brinquedos, produtos gráficos, vem sendo suprida por meio de importações.
- 2) Redução do valor-agregado no país em todas as cadeias industriais complexas, onde parte crescente da produção dos componentes, peças e matérias-primas é substituída por importados. Na indústria automobilística o 'índice de nacionalização' dos produtos diminuiu bruscamente (já estaria em 85%, caminho de 70%). No setor eletroeletrônico o peso dos insumos importados subiu para mais de 50% (alcançando em alguns produtos percentuais ao redor de 70%).
- 3) Finalmente, em muitos casos a produção no Brasil foi simplesmente suprimida e substituída por importações, ainda que a escala do nosso mercado permitisse produção eficiente. É o caso de muitos segmentos de bens de capital, informática e

telecomunicações, eletrônicos de consumo, componentes, autopeças, várias especialidades na área química e farmacêutica.

Todas essas tendências indicam que o tipo de abertura da economia brasileira com forte valorização cambial tornou-se contraproducente, induzindo uma desindustrialização com a conseqüente redução do valor agregado das atividades manufatureiras. Esta tendência só não atingiu os setores competitivos de grande escala de produção — cerca de 1/4 da indústria — baseados em recursos naturais e energia abundante (e.g., papel e celulose, "agribusiness", siderurgia, processamento mineral, alumínio). Mas, neste caso, a rentabilidade das exportações vinha sendo onerada pelo cambio valorizado, dificultando a capacidade das empresas sofisticarem sua linha de produtos, agregando mais valor no país. (Coutinho, L. 1997: 95)

Neste projeto de pesquisa interessa estudar esses efeitos da abertura com sobrevalorização cambial, através do estímulo às importações, sobre a produção industrial e a dificuldade de reverter esses efeitos após a desvalorização cambial. Interessa, em particular, analisar o desempenho da indústria brasileira a partir de 1994 quando além da abertura econômica e da valorização cambial houve uma retomada da atividade econômica no Brasil. Contudo, enquanto alguns setores industriais apresentaram bom desempenho como o de bens duráveis e não duráveis de consumo, outros apresentaram retração dos níveis da atividade como os setores de bens de capital.

2. Objetivo

O objetivo deste projeto é fazer um estudo das importações e da produção industrial, desde o início do Plano Real, com a finalidade de identificar os setores mais frágeis desde a partida e aqueles que foram prejudicados no processo, assim como os que conseguiram fazer frente aos desafios colocados pela abertura comercial, valorização do real e elevadas taxas de juros.

A partir de 1994, além da abertura econômica e da valorização cambial, houve uma retomada da atividade econômica no Brasil. Uma linha de estudo sobre essa abertura da economia brasileira assume a hipótese de que foi deflagrada uma tendência à desindustrialização do país com uma redução na capacidade de geração de valor agregado das atividades manufatureiras. Essa linha de análise destaca que a produção brasileira está sendo substituída por importações (Laplaine, Sarti e Coutinho). Outra linha de estudo diz que em função da abertura comercial, o presente ciclo de investimentos diretos tem o potencial

de gerar uma relação custo-benefício mais vantajosa para o país. Além disso, a abertura comercial fez com que as firmas tivessem acesso a tecnologia e capital, que era sucumbida durante o regime de substituição de importações, otimizado por uma questão de sobrevivência das próprias firmas (Maurício Mesquita Moreira).

Este estudo tem início em 1994, mas as mudanças na produção industrial já vinham ocorrendo desde 1990 com a abertura da economia. Houve uma queda na produção industrial relativamente forte nos anos de 1990-92 e a reativação das vendas de produtos manufaturados, desde 1993, não fizeram retomar uma série de produções que diminuíram no período anterior. Ocorreu um grande aumento de importações desses produtos, ou seja, as importações ocorreram depois de 1993, mas a alteração na produção industrial foi anterior.

O estudo vai envolver dois tipos de tarefas. Será feito um exame da literatura específica que trata das importações e da produção industrial, relacionando-as entre si. O trabalho será, aqui, fazer um apanhado das análises e reflexões sobre esse tema, já desenvolvido por uma série de autores que apresentam diversos pontos de vista. Num segundo momento, estes argumentos serão confrontados com as estatísticas disponíveis.

Estas estatísticas serão trabalhadas de forma a discutir cada uma das hipóteses de interpretação acima indicadas. De um lado, em termos dos efeitos sobre as importações... Por outro lado, quanto aos possíveis efeitos sobre as exportações, De forma sintética, isso pode ser observado no quadro-resumo do próximo item.

Portanto, o objetivo é aprender um pouco, com a leitura da bibliografia existente e a consulta as fontes de dados, sem pretender proporcionar a contribuição original no estudo deste assunto, ou seja, trata-se de uma proposta de aprendizado e não propriamente de pesquisa, o que é apropriado, tratando-se de um projeto de iniciação científica.

4. Hipótese e Metodologia

Será feito um levantamento de informações sobre a tendência à desindustrialização que avança em três dimensões: perda de espaços da oferta doméstica de bens finais pela ocupação de parte do mercado por produtos importados; redução do valor-agregado no país em todas as cadeias industriais complexas onde parte crescente da produção dos componentes, peças e matérias-primas é substituída por importados; e, em muitos casos, a produção no Brasil foi simplesmente suprimida e substituída por importações, ainda que a escala do nosso mercado permitisse produção eficiente. A partir destas informações poderá ser feita uma análise sobre os efeitos nos setores da economia, identificando os reversíveis,

temporários e provisórios, como os irreversíveis, definitivos e estruturais. Pelo lado das exportações, proceder-se-á à identificação e caracterização dos fluxos exportadores, sejam aqueles do período de valorização (1994-98), sejam aqueles relativos ao ano de 1999, após a desvalorização. No primeiro caso, os efeitos estariam mais ligados à modernização e acirramento da competição provocada pela abertura com valorização cambial, enquanto a partir de 1999 a explicação inclui a nova realidade cambial.

5. Plano de Trabalho e Cronograma de Execução

4. DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES E CRONOGRAMA

Atividade	Descrição sucinta da atividade
1. Bibliografia selecionada	Bibliografia sobre comércio internacional e investimentos diretos estrangeiros, com o intuito de compreender os padrões desenvolvimento das empresas estrangeiras nesta fase de globalização
2. Estudo de SPSS	Instrumental manipular a base de dados da SECEX
3. Estudo dos padrões de investimento direto estrangeiro	Com base nas estatísticas oficiais e nos textos que as analisaram
4. Classificação das empresas segundo a origem do capital	A partir da amostra de 260 empresas, já constituída, com base no Guia Interinvest e em fontes complementares, para as operações mais recentes
5. Classificação das empresas para a constituição dos grupos econômicos	A partir do Guia Interinvest e da base de dados da SECEX
6. Classificação dos produtos	Com base nas classificações que estarão sendo produzidas pelo Grupo de Estudos em Economia Industrial
7. Exame das estratégias de uma subamostra de empresas	A partir de fontes bibliográficas, de material da imprensa especializada e dos relatórios anuais de atividades
8. Preparação de seminário de pesquisa	Atividade concebida como preparatória do Relatório de atividades e, eventualmente, de participação em Congresso de Iniciação Científica
9. Participação em seminário de pesquisa	Seminários regulares do GEEIN, com vistas à análise e discussão das questões das pesquisas em curso
10. Elaboração de relatório de atividades	Relatório semestral e relatório final (anual)

No cronograma nós indicamos o número médio de horas que serão dedicadas às diferentes atividades em cada mês da pesquisa. Consideramos o número médio de horas mensais de dedicação como totalizando 80.

	meses												Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Bibliografia selecionada	30	30	20	20	10	10	20	20	20	20	20	20	240
Estudo de SPSS	20	20											40
Estudo dos padrões de investimento direto estrangeiro	10	10	10	10									40
Classificação das empresas segundo a origem do capital	20	20	20	20	20								100
Classificação das empresas para a constituição dos grupos econômicos			20	20	20	20	20						100
Classificação dos produtos							20	20	20	20	20		100
Exame das estratégias das empresas						10	20	40	30	30	10	10	150
Preparação de seminário de pesquisa					10	10					10	10	40
Participação em seminário de pesquisa			10	10		10			10	10		10	60
Elaboração de relatório de atividades					20	20					20	30	90
	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	80	960

5. Disponibilidade de recursos

O Grupo de Estudos em Economia Industrial conta com os recursos necessários ao desenvolvimento desta pesquisa de iniciação científica:

1. Experiência prévia em pesquisas de iniciação científica, antes mesmo de contar com um número maior de doutores;
2. Equipamentos e infra-estrutura de pesquisa, incluindo os permitidos por auxílio financeiro da FAPESP;
3. Disponibilidade de informações e de material bibliográfico complementar. É necessário enfatizar a disponibilidade, sobretudo, das informações de base, fornecidas pela SECEX.

Estes elementos são de molde a permitir um adequado desenvolvimento das atividades de pesquisa do bolsista.

6. Bibliografia

Laplane, M.F. e Sarti, F. Investimento Direto Estrangeiro e a retomada do crescimento sustentado nos anos 90. Revista de Economia e Sociedade n 8. Campinas, IE-Unicamp, 1997

Boletim de Conjuntura – instituto de economia industrial da UFRJ

Coutinho, L. A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização. In Brasil: desafios de um país em transformação, ed. José Olympio, RJ. 1997

Netto, A. D. Melhoramos piorando, Carta Capital, p.35, 30 de setembro de 1998

Bielchowsky, R. Investimento na Indústria brasileira depois da abertura e do Real: o mini-ciclo de modernizações, 1995-97, CEPAL/Brasília, 1998, mineo, 72 páginas

Maurício Mesquita Moreira, Estrangeiros em uma Economia Aberta: impactos recentes sobre produtividade, concentração e comércio exterior, março de 1999.